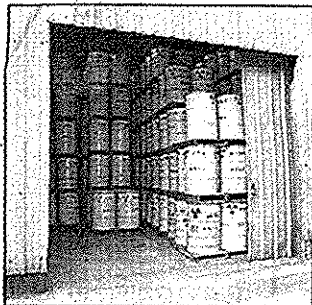


L.C. Leite/AB



Radiação nas ruas

Cargas radioativas circulam diariamente pelo País. Pág. A23

O ESTADO DE S. PAULO
Geral INCLUI
Internacional

DOMINGO, 16 DE ABRIL DE 2000

Vietnã, 25 anos depois

País ainda oscila entre tradições comunistas e economia de mercado. Página A24

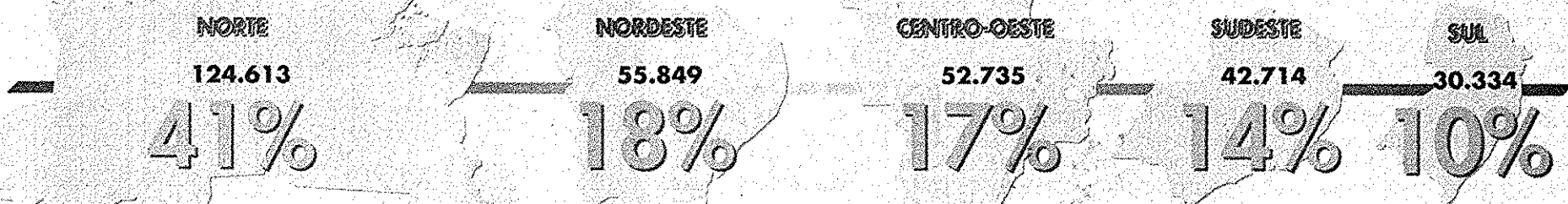


A4R00031

POPULAÇÃO INDÍGENA

Havia, em 1991, 306.245 índios no Brasil espalhados pelas cinco regiões

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991



Número de índios cresce 250% em 30 anos

Segundo a Funai, taxa de natalidade está 10% acima da média nacional

EDSON LUIZ

BRASÍLIA - Nos últimos 30 anos, a população indígena cresceu em média 250%, passando de 100 mil na década de 70, para aproximadamente 350 mil no fim do ano passado. O censo de 1991 registrava 306.245 índios no País. Hoje, a taxa de natalidade, segundo estatísticas da Fundação Nacional do Índio (Funai), chega a ser 10% acima da média nacional.

Quando Pedro Álvares Cabral chegou, segundo historiadores, havia pelo menos 5 milhões de índios. Mas 470 anos depois, por pouco os grupos restantes não foram dizimados. Hoje, estudos da Funai mostram que a cada 20 anos a população praticamente dobra.

O motivo principal é que os próprios índios estão voltando a se organizar em sociedade. "Para eles, o que importa é a necessidade do grupo e não de cada um", diz o diretor do Departamento de Assuntos Fundiários da Funai, Roque Laraia. Apesar de as autoridades comemorarem o crescimento da população indígena - um fato inédito em todo o mundo - os problemas existem em grande escala nessa área. As 215 etnias reconhecidas no País estão distribuídas em cerca de 11,54% do território nacional, mas nem sempre isso é motivo de satisfação.

Estatuto - O índio pode ter terra, mas ainda falta saúde, definição de limites territoriais com os brancos e principalmente o Estatuto do Índio, que definirá uma política diferenciada para cada povo. "Hoje é impossível pensar em índio como um todo", diz o presidente da Funai, Frederico Marés. O estatuto poderá sair ainda este ano, dentro das comemorações dos 500 anos do Descobrimento, uma data que também não é muito simpática para a população indígena.

Em 1999, a Funai fez uma avaliação e constatou que pelo menos 70% das 429 áreas indígenas estavam invadidas pelos brancos, principalmente madeiros, fazendeiros e posseiros. Os conflitos são provocados, muitas vezes, pela própria burocracia da administração pública.

A terra indígena Limão Verde, em Mato Grosso, é um exemplo. Demarcada em 1928 pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), está invadida há 30 anos por 26 famílias de brancos. No Rio Javari, os corubos, mais conhecidos por "caceteiros", mataram mais de 200 pessoas desde 1966. Muitos eram seringueiros e madeiros que entraram nas terras indígenas, sem saber que eles estavam ali.

Um dos problemas mais graves está em Roraima. A demarcação da área Raposa Serra do Sol está sendo disputada por fazendeiros e posseiros e constantemente o clima fica tenso na região. Nos últimos meses, mesmo os padres, que tomaram o partido dos índios, chegaram a ser ameaçados. O governo do Estado informa que só administra 30% do território. O restante está dividido entre os índios e as áreas de reserva florestal.

Mais informações nas páginas 18, 20 e 21

Casamento intertribal evita extinção de grupo

Únicas mulheres jumas uniram-se a jovens uru-eu-uau-uau

EDSON LUIZ

BRASÍLIA - No fim do ano passado, Arucá Juma, um cacique de 100 anos, conseguiu com que seu sonho se tornasse realidade. O velho chefe indígena viu suas três netas se casarem com jovens índios uru-eu-uau-uau. Elas eram as únicas mulheres da tribo juma existentes no Brasil e, com isso, mantiveram as chances de evitar a extinção do grupo indígena, cuja população se resume a cinco pessoas. Poucos dias depois do casamento, Arucá morreu.

As chances de o grupo juma não ser extinto eram muito remotas até o ano passado, quando funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) levaram as três índias para Rondônia. Lá elas conheceram seus atuais companheiros, que têm língua, costumes e adereços semelhantes a elas. A decretação do fim dos jumas iria acontecer, já que os únicos remanescentes da tribo são parentes.

Novo rumo - As três mulheres - Boreá, de 18 anos; Baitá, de 17, e Mandú, de 16 - também teriam outro destino se não tivessem se unido aos uru-eu-uau-uau. Uma delas engravidou de um pescador, enquanto outra contraiu doenças no contato com homens brancos. "Hoje, elas são mulheres casadas e podem salvar a tribo da extinção", diz Osman Brasil, administrador-adjunto da Funai em Porto Velho.

Com o casamento, a popula-

ção juma começou a crescer, passando de quatro para cinco pessoas, com o nascimento de uma criança, a primeira dos últimos 16 anos. Até mesmo Arucá, filho do velho cacique e pai das meninas, arrumou uma companheira entre as poucas mulheres uru-eu-uau-uau. Mesmo assim, pelas estatísticas da Funai, o grupo juma continua sendo o menor do Brasil.

Nos últimos anos, os jumas foram se extinguindo aos poucos. Foragidos de outras tribos, eles se alojaram em uma área de 38 quilômetros quadrados nas proximidades da cidade de Canutama, no Amazonas. Ainda no ano passado, a tribo era composta do velho cacique, sua mulher - também centenária - dois filhos e as três netas.

O cacique e sua mulher morreram no fim do ano passado, enquanto um dos filhos, tio das mulheres, foi comido por uma onça. Só restaram as três índias e seu pai. O fim dos jumas estava bem próximo se não fosse a ação de funcionários da Funai, que chegou a ser criticada por indigenistas e custou até mesmo a demissão de um administrador da instituição em Porto Velho.

Mas a intenção das mulheres e de seu pai é retornarem para a aldeia de origem, no Amazonas, onde recomeçarão uma nova vida. Apesar de terem tido uma boa acolhida entre os uru-eu-uau-uau, elas não esquecem suas terras. A história conta que os jumas já foram um povo numeroso, mas um massacre, na década de 60, diminuiu drasticamente a população. Com medo, os poucos restantes embrenharam-se nas matas.

NAÇÃO É A MENOR DO BRASIL

Censo 2000 voltará a contar a população indígena do País

O primeiro levantamento da história foi feito somente em 1991

RENÉ DECOL

Especial para o Estado

Os dados sociodemográficos existentes para os povos indígenas brasileiros são precários e as razões para isso, diversas - incluindo a expectativa, presente ao longo da história republicana, de que os índios iriam desaparecer ou se integrar. "A inexistência de dados demográficos sobre a população indígena reflete o fato de que o grupo era visto como uma categoria temporária", diz Carlos Alberto Ricardo, do Instituto Socioambiental, uma organização não-governamental dedicada a projetos de conservação.

De fato, para a maior parte da história do Brasil há apenas algumas estimativas totais sobre a presença indígena ou estimativas por região, baseadas nos dados dos missionários que cuidavam dos aldeamentos durante o período colonial. Dados mais detalhados, necessários para que os estudos possam fazer uma análise mais precisa de diversos indicadores demográficos da população, apareceram apenas com o último censo demográfico, o de 1991.

Este levantamento foi o primeiro na história do Brasil a incluir a categoria "indígena" na pergunta sobre "raça ou cor". Apesar das dificuldades de se recensear um grupo com características muito diferentes da média da população brasileira, o censo de 1991 permitiu que se obtivesse pela primeira vez uma radiografia mais precisa da população indígena, incluindo, por exemplo, sua composição por idade e sexo - dado fundamental para que os demógra-

fos possam fazer projeções.

Graças em parte ao esforço de antropólogos, a categoria estará presente novamente nos questionários a serem usados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) este ano. Quando os dados forem finalmente apurados, será a oportunidade que os especialistas estavam esperando para obter um retrato detalhado da comunidade, incluindo uma questão fundamental para qualquer grupo social: saber, por exemplo, se está aumentando ou diminuindo de tamanho. "Pela primeira vez teremos uma série histórica, o que nos permitirá conhecer e realizar uma série de análises sobre o comportamento dos diversos grupos", diz a antropóloga Marta Azevedo, pesquisadora do Instituto Socioambiental e do Núcleo de Estudos de População da Unicamp, e especialista em demografia indígena.

Por ocasião do censo de 91, o IBGE registrou a presença de mais de 300 mil índios no território brasileiro, a maior parte na Região Norte do País. Segundo esse levantamento, os Estados dessa região concentram 41% da população indígena brasileira, seguidos pelo Nordeste, com 18%. A região Sul, por sua vez, é a que concentra a menor proporção, com apenas 10% dos índios brasileiros.

Estimativas - Afora os dados censitários, e sem a riqueza de detalhes que só um levantamento desse tipo pode proporcionar, as estimativas mais recentes são da Fundação Nacional do Índio (Funai), baseadas em dados colhidos no período 1994-1996, que apontam algo em torno de 320 mil índios espalhados pelo País, sendo os principais os guaranis, ticunas, caiuvás e caingangues. Embora os povos guarani e ticuna contassem com populações de

Ianomâmis ainda têm nômades desconhecidos

Tribos arredias atacam os próprios parentes, que evitam contato

BRASÍLIA - A população ianomâmi pode ser bem maior do que os 9.300 conhecidos hoje. O Departamento de Índios Isolados da Funai tem informações da existência de grupos ainda arredios. Eles são nômades como os índios já aculturados, mas ainda violentos, ao contrário de seus parentes. "Sabemos de algumas referências que podem indicar a existência de novos grupos ianomâmis ainda sem contato", diz Sidney Possuelo, chefe do departamento e um dos maiores sertanistas brasileiros.

Segundo ele, esses grupos arredios estariam atacando até mesmo os parentes, que evitam uma aproximação - uma política que a própria Funai vai evitar. "Eles lutam entre si", diz Possuelo. "Não existe contato nem mesmo entre eles."

Costumes - Os ianomâmis são considerados um dos grupos mais primitivos do País. Vivem em comunidade, mas têm hábitos diferentes de outras tribos. Alguns dos costumes, entretanto, estão sendo esquecidos por causa do contato com o branco, cada dia mais frequente por causa dos garimpos de ouro, principalmente em Roraima.

Segundo missionários que vivem entre os ianomâmis, ou participaram dos primeiros contatos com o grupo, os indígenas exercem controle popu-



Ianomâmis têm hábitos diferentes de outras tribos brasileiras

lacional. As mulheres, quando já têm um filho pequeno, procuram não criar outro. Muitas vezes, se a gravidez é inevitável, a mãe entra na floresta e dá à luz sozinha, abandonando a criança no local do parto.

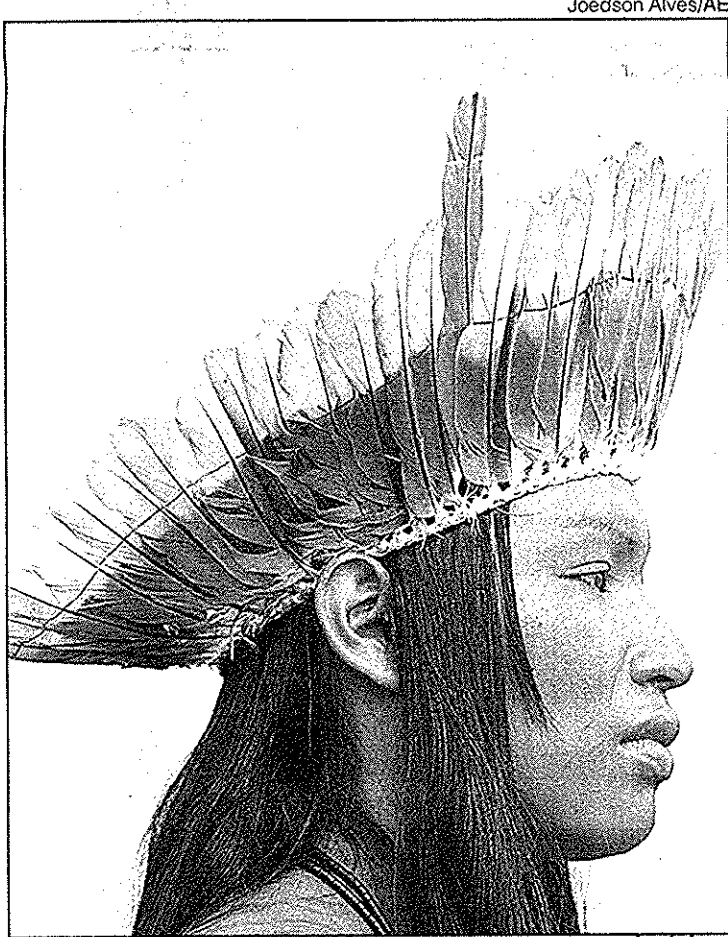
Os ianomâmis ficaram conhecidos em 1992, quando 12 foram mortos por garimpeiros, encerrando um relacionamento inicialmente amistoso.

Essa tragédia fez com que a população branca ficasse conhecendo outro costume dos ianomâmis. Quando uma pessoa morre, o corpo é posto em cima de uma árvore, onde fica durante um mês. Depois, os ossos são moídos e transformados em farinha, que é misturada a mingau de banana. Os parentes do morto ingerem o ali-

mento, na esperança de adquirir sua sabedoria e vitalidade.

Invasões - Hoje, os ianomâmis vivem em cerca de 9 milhões de hectares, divididos entre Amazonas e Roraima. São apenas 9.300 índios - a oitava maior população indígena do País -, mas o governo justifica que a área é necessária porque eles são nômades e precisam de um terreno extenso para caçar e pescar.

Entretanto, as constantes invasões da Funai e da Polícia Federal não impedem que a reserva seja invadida por garimpeiros, principalmente durante o verão amazônico, a partir de abril. A Funai não planeja nenhuma operação nos garimpos, até agora. (E.L.)



História demográfica em 500 anos permanece um mistério

cerca de 30 mil pessoas cada um, a maior parte dos indígenas brasileiros está distribuída em grupos de menos de 10 mil. São cerca de 220 povos, falando cerca de 180 línguas diferentes. Os mesmos dados indicavam que mais de 50 mil índios residiam em áreas urbanas.

Segundo os especialistas, o censo deste ano deverá apontar a presença de um número maior do que o registrado em 1991. Em parte, por razões puramente metodológicas. A Associação Brasileira de Antropologia recomendou ao IBGE uma série de precauções quando seus agentes entrevistarem membros dessa comunidade. "Sugerimos o uso de recenseadores especialmente treinados para atuar nas terras indígenas", diz Marta.

A população recenseada em 2000 deverá ser maior do que a de 1991, portanto, pelo menos em parte, a cobertura do próximo levantamento nas áreas indígenas deverá ser melhor.

Mas, para além da questão metodológica, os especialistas estimam que a população indígena esteja crescendo de

fato. E a um ritmo mais intenso do que a população brasileira como um todo. Isso se deve, em parte, ao fato de que os índios estão constantemente se recuperando da mortalidade causada pelo contato com o branco. "Ao longo da história, assiste-se a um processo demográfico que se repete como um padrão", diz Marta. "Logo após os primeiros contatos há elevação nas

taxas de mortalidade em razão sobretudo de epidemias, mas também por causa do puro extermínio, como aconteceu frequentemente ao longo da história", diz Marta.

Logo após os primeiros contatos há elevação nas taxas de mortalidade em razão sobretudo de epidemias, mas também por causa do puro extermínio, como aconteceu frequentemente ao longo da história", diz Marta. "Mas logo após, assistimos a uma recuperação demográfica, em parte porque os que sobreviveram agora estão imunizados, e em parte porque, de alguma forma, crescer numericamente passa a ser uma prioridade para o grupo." A recuperação demográfica da população indígena deve-se também às ações de saúde, particular-

mente à vacinação das crianças, o que tem reduzido a mortalidade infantil.

Em razão da dificuldade inerente de se obter estimativas para a população indígena, a história demográfica desses grupos ao longo dos últimos 500 anos permanece um mistério. Estima-se que algo entre 5 milhões e 10 milhões de índios viviam nas terras brasileiras quando os primeiros colonizadores chegaram. Não se sabe muito bem, no entanto, quais os fundamentos dessa estimativa, que ficaria consagrada na literatura especializada. Sua precisão, portanto, é matéria aberta a discussão.

A demografia, afinal, é uma ciência recente - e estimativas feitas no passado podem ter sido influenciadas por generalizações espúrias (como, por exemplo, supor que os índios estivessem espalhados pelo território nacional na mesma proporção em

Piauí não tem índios desde o século 18

CLÁUDIO BARROS
Especial para o Estado

TERESINA - Desde o início do século 18 não há mais índios no Piauí. Entretanto, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou, em 1998, 2.590 no Estado. São 1.554 homens e 1.036 mulheres, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (Pnad). Todos vivem em zonas urbanas, mas não se sabe em que cidades, porque a pesquisa não entra em detalhes, diz o chefe do Setor de Informação do IBGE no Piauí, Pedro Soares.

Soares afirma que a descoberta de índios num Estado que há mais de 100 anos não tem registro histórico de aldeamentos indígenas é resultado da declaração dos entrevistados para a Pnad. "A pergunta que fizemos foi qual a raça e a cor das pessoas", diz. "Essas que aparecem na pesquisa têm ascendência indígena e se declararam índias."

A professora Maria Cecília Silva, da Universidade Federal do Piauí, diz que não há consenso sobre o extermínio dos indígenas, sistematicamente mortos no século 18, quando a colonização avançou do interior para o litoral em busca de terras para a criação de gado. A historiadora, porém, acha que parte dos índios fugiu para Tocantins, Maranhão e Pará.

Maria Cecília ficou surpresa com o fato de o IBGE registrar presença de índios no Piauí, onde são feitas pesquisas arqueológicas comandadas pela antropóloga Niède Guidon que indicam vestígios da presença humana na América há 48 mil anos. "Não podemos fazer confusão entre índios que mantêm intacta sua cultura e descendentes de índios que, por alguma razão, declararam sua raça a um recenseador", diz a historiadora.

OS MAIORES GRUPOS

Povo	População	Estados
Guarani	30.744	ES, PR, RJ
Ticuna	27.556	AM
Guarani/Caiuvá	19.352	MS
Caingangue	14.323	SC, SP, PR, RS
Terena	13.512	MS, SP, MT
Macuxi	11.960	RR
Guajajara	10.479	MA
Ianomâmi	9.386	RR
Xavante	9.022	MT
Mundurucu	7.146	PA
Potiguara	7.132	PB, CE
Sateré-Maué	5.825	AM
Xacriabá	5.681	MG
Pancararu	5.500	PE
Uapixana	5.122	RR

Outros 138.252 Total 320.992

Antônio

SÃO 220 POVOS, FALANDO 180 LÍNGUAS

Tribo de São Sebastião vive 'boom' populacional

Taxa supera média de expansão do resto do País e mesmo de outros índios

MARTA AVANCINI

Acada ano, nascem de 13 a 14 bebês na área indígena do Ribeirão Silveira, em São Sebastião, litoral paulista, o que está garantindo à comunidade, há sete anos, um crescimento anual de 7,5%. Essa taxa está acima da média nacional e mesmo da verificada entre os índios, cuja população está aumentando entre 3% e 3,5% no País, segundo estimativa do Instituto Socioambiental, uma organização não-governamental (ONG).

"Estamos crescendo bastante; as crianças já são maioria", diz Mauro Karai, presidente da Associação Indígena Guarani Tjru Mirim, que representa os moradores da aldeia. O crescimento resulta de uma combinação de dois fatores: uma relativa estabilidade, garantida pela demarcação da aldeia em 1987, e a estrutura de atendimento de saúde.

Sempre que necessário, os 260 habitantes da reserva podem utilizar os serviços de uma médica, de um enfermeiro e de um dentista. Todas as crianças da aldeia estão com a carteira de vacinação em dia. As grávidas fazem pré-natal e, depois de mães, recebem auxílio-maternidade. Esses são alguns resultados das parcerias entre os índios e as prefeituras dos municípios de São Sebastião e Bertioga, bem como com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e diversas ONGs - fórmula encontrada por eles para melhorar a condição de vida.

História - Essa infra-estrutura de saúde está sendo montada há quase sete anos e garantiu, no período, a eliminação da mortalidade infantil. "Isso é bom porque assim meu povo continuará a existir", diz Karai.

Mas, se, por um lado, como ele detectou, o elevado número de nascimentos é positivo, por outro implica em dificuldades. "O crescimento populacional só não se tornou explosivo por causa de uma característica dos guaranis: eles costumam migrar de uma aldeia para outra dentro do território deles", afirma Márcio José Alvim do Nascimento, chefe do posto indigenista da Fundação Nacional do Índio (Funai), responsável pela aldeia. "Se não fosse assim, teríamos de garantir a subsistência de quase mil pessoas."

O chamado território guarani consiste em uma extensa faixa que vai do litoral do Espírito Santo ao Paraguai e entra pelo interior do País. Só no litoral paulista, os guaranis são 1.850, distribuídos em 14 aldeias. A área de Ribeirão Silveira espalha-se por 948 hectares às margens da Rodovia Rio-Santos, em plena mata atlântica.

Alternativas - Para sobreviver, os habitantes da reserva de Ribeirão Silveira dependem, essencialmente, do que colhem na roça - mandioca, batata e banana -, da venda de artesanato e de doações. A caça e a pesca são praticadas ocasionalmente, mas não garantem alimento suficiente. Por isso, os projetos em parcerias com o governo e organizações da sociedade civil já começam a ser introduzidos e permitem a subsistência de algumas famílias.

É o caso de Vando dos Santos, responsável pelo viveiro de plantas, onde são cultivados palmitos e plantas ornamentais. "Ainda não dá para vender o palmito porque faz pouco tempo que aprendi a fazer as mudas pegarem. Mas acho que logo vamos conseguir", diz Vando. Ele conta que o cultivo de palmito, além de ser uma fonte de renda, pode permitir a reposição do que é extraído da mata atlântica - pelo menos em parte. A intenção, segundo Nascimento, é que projetos como esse se transformem em opções de sobrevivência.

No entanto, a comunidade de Ribeirão Silveira, relativamente bem organizada, é apenas um caso dentro da nação. "Os guaranis são multifacetados e vivem realidades muitos diferentes. Algumas aldeias estão com a terra demarcada, mas outras nem isso conseguiram", diz Maria Inês Ladeira, antropóloga e pesquisadora do CTI (Centro de Trabalho Indigenista).

CRIANÇAS JÁ SÃO MAIORIA NA ALDEIA



Juliana da Silva e seu filhote de tucano: infra-estrutura garantiu eliminação da mortalidade infantil

Robson Fernandes/AE

Crianças vão à escola na própria aldeia

Professora tenta adaptar o ensino à situação dos seus alunos

Há três anos, as crianças da área indígena Ribeirão Silveira não precisam mais se deslocar a Bertioga para estudar, pois contam com uma escola dentro da própria aldeia. São 76 alunos de educação infantil e da 1.ª a 4.ª série do ensino fundamental, mantidos pela prefeitura de Bertioga.

"Procuro adaptar o que ensino à realidade deles", diz a professora Elaine Paião. Para isso, ela e as outras professoras evitam o livro didático e utilizam materiais alternativos, como poesias e músicas. "É tão importante alfabetizá-los em português quanto estimular a autoestima deles e ensiná-los a preservar o meio ambiente", diz.

Como não são fluentes em guarani - língua falada pelas crianças -, as professoras contam com um monitor, que traduz o conteúdo das aulas. O objetivo é, com o tempo, formar professores que vivem na aldeia para assumir as classes. "Esperamos que alguns dos jovens que estão mais adiantados queiram fazer magistério", diz Nacima Mahamud, secretária da Educação de Bertioga. Além das crianças matriculadas na escola da aldeia, há jovens guaranis nas escolas convencionais do município, que cursam da 5.ª a 8.ª série.

A falta de professores guaranis impede, segundo Elaine, que as crianças sejam alfabetizadas nas duas línguas - guarani e português. Apesar disso, ela considera os resultados muito positivos. "A evasão é zero e eles nunca faltam."

As lideranças da aldeia, por sua vez, aprovam a existência da escola na comunidade, embora não restrinjam a formação das crianças à educação nos moldes dos brancos. "É importante que elas aprendam o português", avalia o presidente da associação Tjru Mirim, Mauro Karai. (M.A.)

Robson Fernandes/AE

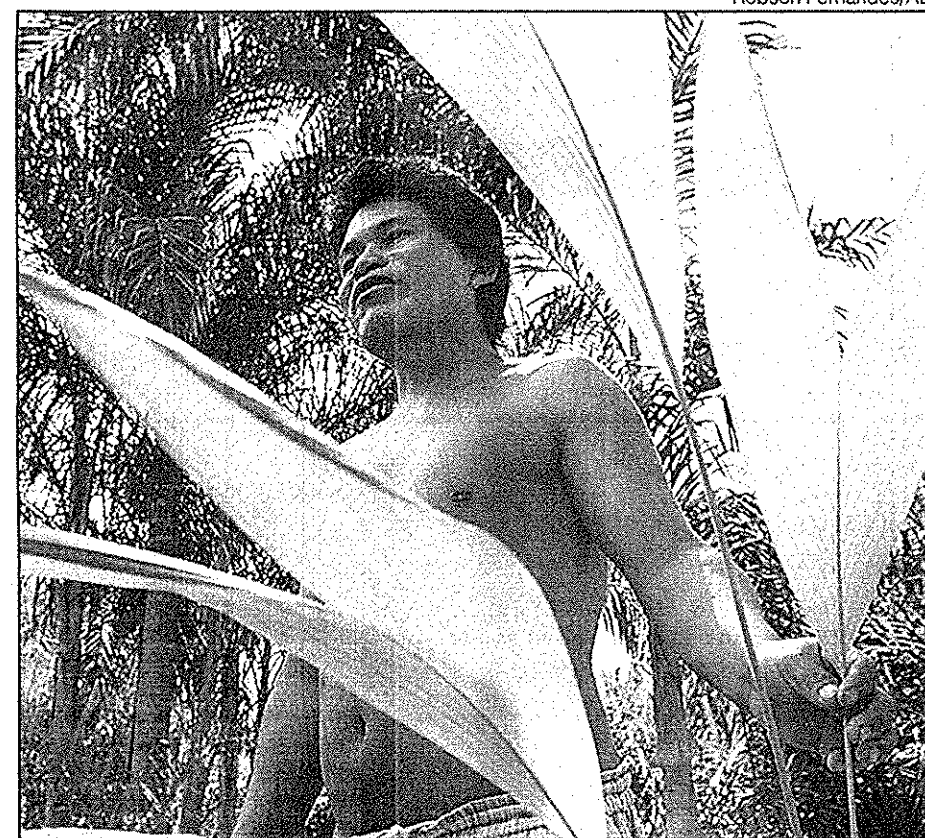
Líder quer atrair adeptos do ecoturismo

Projeto tem objetivo de criar infra-estrutura turística em aldeia de Boracéia

Mariano Kuaroy-Miré, vice-cacique da aldeia Rio Silveira, em Boracéia, no litoral paulista, tem um projeto que pretende transformar em realidade num futuro próximo: aproveitando o fato de que a reserva está dentro do Parque Nacional da Mata Atlântica, ele quer criar uma estrutura turística no local para atrair, sobretudo, os adeptos do ecoturismo.

Sua idéia é abrir uma trilha específica para praticantes de trekking. O projeto inclui ainda a criação de um museu, onde serão expostos objetos e peças de artesanato feitos pelos índios, além de painéis com a história dos guaranis. "As crianças podem ficar na casa, fazendo bichos de madeira e outras peças de artesanato para serem vendidas. Também podemos fazer apresentações de música no local. Da casa vamos construir uma trilha até a cachoeira da Silveira (localizada dentro da reserva) para caminhadas", conta Mariano, ao explicar os objetivos da iniciativa - angariar recursos para o grupo e divulgar sua cultura.

Renovação - O projeto do museu e da trilha insere-se dentro de uma mentalidade que começa a ganhar espaço na comuni-



Vando dos Santos na aldeia de Boracéia: guaranis querem atrair visitantes

Robson Fernandes/AE



Teresinha da Silva, de 69 anos, vende produtos artesanais na Rio-Santos

dade, baseada em três pontos: a exploração racional e consciente dos recursos naturais da reserva, a preocupação em manter viva a cultura guarani e o espaço conquistado pelos jovens na liderança.

O cacique, Adolfo Silva, tem 30 anos; o presidente da associação, Mauro Karai, 24, e Fernando, 25. Há quatro anos, os três cuidam da administração.

Mais que a idade é a experiência de vida desses líderes - marcada por um contato mais intenso com a cultura dos brancos do que o que ocorria com os antigos líderes - que está introduzindo na comunidade novos hábitos e visões de mundo. "Os

guaranis casam-se muito cedo, mas estamos orientando os jovens a estudarem e se casarem mais tarde, após os 20 anos", diz Mauro, o presidente da associação, que tem ensino fundamental completo. Mariano chegou a fazer faculdade de enfermagem por um ano e meio em São Paulo, mas desistiu e voltou à aldeia "para ensinar o que aprendeu às crianças".

Mas, diversamente do que se poderia imaginar, o trânsito entre as duas culturas não os afastou das raízes guaranis. "As decisões são tomadas em conjunto com a comunidade, respeitando a tradição", diz Mariano. Além disso, o trânsito os habilita a lutar pelo que consideram seus direitos. "Queremos ampliar a área demarcada porque a população está crescendo, e logo o espaço não será suficiente para todas as famílias." (M.A.)

Comunidade ainda preserva sua cultura

Religião é fator importante dentro da tradição guarani

O aumento da natalidade e a ascensão das líderes jovens na aldeia Ribeirão Silveira não afastaram a comunidade da cultura guarani. Todas as noites, os moradores da aldeia reúnem-se na "casa de reza", onde participam de uma cerimônia. "Agradecemos pelo dia que vivemos, as crianças cantam e tocam as músicas tradicionais", conta o vice-cacique Mariano, ao descrever a cerimônia.

"A religião é um fator importante dentro da tradição

guarani. Eles podem receber assistência educacional e de saúde, mas mantêm a cultura deles", diz o chefe do posto indígena local, Márcio José Alvim do Nascimento.

Além da religião, a língua e o artesanato são fatores importantes para a coesão social e cultural da aldeia. Embora compreendam o português, só se comunicam em guarani.

Crianças - Para manter os costumes vivos, os líderes desenvolvem um trabalho específico com as crianças. Todos os dias, os líderes Mariano e Mauro reúnem cerca de

40 crianças e jovens para contar histórias antigas, ensiná-las a fazer artesanato, caçar e plantar na roça. "Ao mesmo tempo, tentamos ensinar a elas que é importante preservar o meio ambiente porque

GUARANI É O PRIMEIRO IDIOMA

dependemos dele", conta Mariano. Além de um meio de sobrevivência, saber fazer cestos, arcos e flechas e colares é visto pelos índios como um meio para manter a tradição. "Faço arcos e flechas desde criança e queria que meus filhos aprendessem também", diz Mário Samuel dos Santos, um dos artesãos da aldeia. (M.A.)